

FASP - Faculdade de Santana de Paranaíba

Sieléia José Gonçalves Bento

**A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS E A
NECESSIDADE DO INCENTIVO A PARTIR DA AFETIVIDADE**

Santana de Parnaíba, 2021

Sieléia José Gonçalves Bento

**A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS E A
NECESSIDADE DO INCENTIVO A PARTIR DA AFETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de Santana de
Parnaíba como requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura Plena
em Pedagogia, sob a orientação do
Professor Dr. Edmundo Souza.

Santana de Parnaíba , 2021

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar a necessidade de alfabetizar os jovens e os adultos que envolve a preocupação com um grande problema educacional, onde existem muitas pessoas que não foram alfabetizadas, pois por algum motivo elas não conseguiram concluir os estudos no período apropriado, ou seja, adequado. Nos dias atuais podemos ver o quanto são necessárias a leitura e a escrita no dia – a – dia de cada indivíduo, possibilitando o indivíduo a se desenvolver como ser humano. Uma tarefa urgente e muito importante que é alfabetizar os jovens e adultos neste país, e que eles possam ter um pensamento construtivo de uma sociedade mais justa e igualitária, enxergar as soluções de seus próprios problemas e poder resolvê-los sem medo, expor suas opiniões sem receios etc. Para que isso aconteça há também a necessidade de incentivar os jovens e os adultos para voltarem ao ambiente escolar.

Palavras-Chave: Alfabetização; Dificuldades; Processo; Incentivos.

Termo de Aprovação

.

O presente trabalho de conclusão, intitulado “A importância da alfabetização para jovens e adultos e a necessidade do incentivo a partir da afetividade” elaborado pela aluna Sieléia José Gonçalves Bento , como requisito parcial para obtenção do título de Graduação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia à Banca Examinadora composta pelos membros abaixo assinados e, sendo julgado adequado para o cumprimento do requisito legal previsto no Regulamento do TCC/MONOGRAFIA da Faculdade de Santana de Parnaíba foi aprovado obtendo a nota _____ (_____) .

São Paulo SP, ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Edmundo Santana de Souza

Prof. Dra. Aline Cristina

Prof. Saulo Medeiros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. UM POUCO DA HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL	8
2. CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	11
3. A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO E DA AFETIVIDADE PARA OS JOVENS E ADULTOS NA ALFABETIZAÇÃO.....	14
3.1 CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY	15
3.2 ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL	19
3.3 FORMAÇÃO DE CONCEITOS.....	22
3.4 CONTRIBUIÇÕES DE HENRI WALLON	23
3.5 O AFETO QUE EDUCA.....	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema se deu após observar, o quanto um jovem se sente oprimido em não saber escrever o próprio nome foi onde eu pude perceber que o mesmo não se interagia com as outras pessoas, e quando lhe perguntavam algo, o mesmo tinha vergonha em responder.

Em uma sala do EJA estão ali pessoas que por algum motivo não conseguiram concluir seus estudos na idade apropriada. Muitos deles focam em um principal motivo que é de escrever seu próprio nome, outros não conseguem nem mesmo aprender a escrever o nome pois o cansaço de um dia duro de trabalho os faz novamente abandonar os estudos.

A metodologia utilizada com estes alunos, tem que ser muito bem elaborada e ser aplicada com cuidado, carinho e muita dedicação, pois a maioria tem muita dificuldade em acompanhar os conteúdos, para isso o educador responsável terá que analisar os alunos, e ver a melhor metodologia a ser aplicada.

São poucos os jovens e adultos que se matriculam, no objetivo de aprender e mudar totalmente suas vidas, e obter sucesso na vida financeira, pois através do conhecimento a capacidade em melhorar de emprego tendo assim um salário melhor, progredindo na vida social, e fazendo com que o analfabetismo diminua no nosso País.

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância dos jovens e adultos voltarem para o ambiente escolar, o quanto é importante eles aprenderem e ter interesse pelo conhecimento, aprenderem a ter contato com a tecnologia já que a tecnologia está cada vez mais presente no nosso cotidiano. Qualquer pessoa que decide aprende seja o que for ela é capaz.

Este trabalho foi dividido em três capítulos, onde o primeiro capítulo fala um pouco sobre a história da EJA no Brasil, onde fala sobre as dificuldades que muitos encontraram e também sobre as conquistas adquiridas com sofrimento para a alfabetização de jovens e adultos.

O segundo capítulo falaremos um pouco da contribuição de Paulo Freire para a educação de jovens e adultos, focando na importância do conhecimento para o ser humano e é possível chegar ao conhecimento através da educação, e mostrando que se existe importância em uma criança aprender, também existe uma importância nos jovens e adultos que abandonaram os estudos, voltem para serem alfabetizados.

Para que eles possam ser incluídos na sociedade e ser tratados de forma igualitária, sabendo ler, escrever e compreender o que acontece ao seu redor.

O terceiro e último capítulo que tem por título “A importância do incentivo e da afetividade para os jovens e os adultos na alfabetização”. Para as pessoas que por algum motivo não conseguiram concluir os estudos no tempo apropriado sente falta do ambiente escolar, do conhecimento, reconhecem a necessidade de saber ler e escrever tem vontade de voltar para aprender mais sentem medo, acham que não vão conseguir.

Por isso a necessidade do incentivo, no momento em que o medo bater tem que ter uma pessoa ao lado incentivando a não desistir.

Da mesma forma em que uma criança quando se depara com o ambiente escolar sente medo e são incentivadas para enfrentar essa nova etapa da vida, pois essa etapa é muito importante para formação de um ser. Os jovens e os adultos também sentem medo, pois o tempo para eles passaram e acham que não é mais possível aprender.

1. UM POUCO DA HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL

Há um entendimento geral que a educação no Brasil iniciou quando os jesuítas chegam para catequizar os indígenas iniciando por volta de 1549, lembrando que essa educação não tinha um caráter acadêmico. No ano de 1878 surgiu a criação dos primeiros cursos noturnos, para adultos analfabetos apenas para o sexo masculino, depois de 50 anos após este decreto, em 1934 onde o Brasil já havia se tornado república é que foi mencionado a necessidade de criar o primeiro plano nacional de educação.

Na Constituição brasileira de 1934 estabeleceu a educação como dever do Estado onde o mesmo deve garantir o ensino gratuito e integral a todos, inclusive aos adultos que não conseguiram concluir os estudos no ensino regular. Permitindo que os mesmos possam retornar aos estudos e com isso tenham uma qualificação para conseguir melhores oportunidades de empregos no mercado de trabalho e poder viver melhor socialmente.

Em 1940 foram determinantes para a educação de jovens e adultos, onde em 1947 surgiram fatos importantes para o EJA, SNEA (Serviço Nacional da educação de Adultos) e a CEAA (Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos), também é em 1947 que surge o primeiro Congresso Nacional de Educação de Adultos, entre 1958 a 1961 houve a CNEA (Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo) tendo assim muitos acontecimentos onde favoreceu a educação de jovens e adultos.

Através de campanhas de Educação de Adultos, abre-se a discussão sobre analfabetismo e a Educação de jovens e adultos no Brasil.

Surgiu no dia 15 de dezembro de 1967, de acordo com a lei nº 5.379, o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), quando o governo assumiu o controle de alfabetização de adultos voltado para a faixa etária de 15 a 30

anos, a partir de 1985 o MOBRAL passou a ser chamado de EDUCAR (Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos).

Antigamente a educação de jovens e adultos, começou a ter o seu lugar na história do Brasil, devido a grandes transformações na sociedade brasileira lembrando também que existe uma grande ligação entre o social, o político e o econômico, o crescimento da industrialização também contribuiu para isso.

Ter direito a aprender na idade avançada é uma Lei (DBEN nº 9.394/96) essa Lei, em seu art. 37, contempla a EJA como uma modalidade de Educação Básica, e enfatiza sua identidade própria, determinando que a EJA é destinada “aqueles que não tiveram acesso ou continuidade aos estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.”

Segundo o “ PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PNE”, diz elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze anos) ou mais 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa analfabetismo funcional e diz também oferecer no mínimo 25% (vinte cinco por cento) das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional.

A história da EJA passou e ainda passa por grandes obstáculos e preconceitos para que esse direito seja conquistado, os obstáculos e os preconceitos começam dentro da própria casa do indivíduo, que resolve voltarem aos estudos.

O indivíduo que resolve voltar à escola para concluir seus estudos, terá acesso ao conhecimento, quando aprender a ler terá acesso a leitura, desenvolvendo melhor sua comunicação, haverá melhor interação no trabalho, tendo uma condição de vida melhor, pois terá possibilidade na mudança de emprego podendo ter melhor salário.

Segundo Moacir Gadotti (2007), “Educar para outro mundo possível é educar para outros mundos possíveis”. As crianças, os jovens e os adultos tendo contato com o conhecimento é possível que eles tenham acesso a um mundo melhor e que outras pessoas também possam viver em um mundo melhor. O conhecimento se expande possibilitando a transformação do indivíduo.

Segundo Paulo Freire (1996), “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. ”Antigamente, já não era correto que a educação e o conhecimento chegassem aos indivíduos, pois assim a manipulação poderia continuar, e nos dias atuais não é diferente pois a classe dominante, não quer que as pessoas tenham conhecimentos pois continuam sendo uma mão – de – obra barata de baixo custo, não existindo assim uma sociedade igualitária para todos.

2. CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos (NEWTON, Isaac).

Todo adulto já foi um dia criança, já teve o desejo de ir para a escola, querendo aprender coisas novas, brincar com os colegas. Todo adulto já foi uma criança movida pelas inquietações de querer saber, conhecer, descobrir. Todo adulto se lembra da curiosidade que o movimentava em busca de novas aprendizagens, e se maravilhava pelo aprender.

Autor de muitos livros entre eles: Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Autonomia, Educação Como Prática da Liberdade, Educação e Mudança, Pedagogia da Esperança entre outros, Paulo Reglus Neves Freire foi educador e filósofo nasceu no Estado de Recife – PE em 19 de setembro de 1921.

Ele foi um influenciador para o movimento chamado pedagogia crítica, é um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, sua didática fundamentava-se na crença de que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade, em contraposição por ele denominada educação bancária, tecnicista e alienante, o educando criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho, e não seguindo um já previamente construído de uma classe dominante, o educando seguiria e criaria o rumo do seu aprendizado. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política.

A história da EJA no Brasil está muito ligada a Paulo Freire ele iniciou um projeto em Angico – RN, com 380 trabalhadores repercutindo em todo o País em 1963, sendo sufocado pela ditadura em 1964, retornando ao Brasil após experiências de alfabetização de adultos na África e na América Latina.

O projeto de alfabetização que aconteceu na cidade de Angicos – RN ficou conhecido como “Quarenta horas de Angicos”, para Paulo Freire primeiro vem a leitura do mundo para depois a formação das palavras, ou seja, o diálogo é muito importante para o processo educativo. Infelizmente este projeto foi interrompido pelo Golpe militar de 1964.

Nesta época era essencial que o indivíduo aprendesse a ler e escrever somente para a mão de obra, ou seja buscar somente complementação referente ao conhecimento em uma’ educação técnica para atender o mercado de trabalho, pois o mesmo não podiam ter suas próprias opiniões.

Das transformações na educação, umas das mais relevantes é a mudança do entendimento da função do professor, que passa de apenas transmissor de conhecimento para facilitador da construção de aprendizagem. Como de acordo com as palavras de Paulo Freire (1996, p.13): “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Agora, o que se almeja é que o professor seja mediador, que ajude na constituição de alunos pensantes e críticos. Os alunos passam de uma posição de receber o conhecimento passivamente para serem ativos no próprio processo do seu aprendizado, desenvolvendo cada vez mais o seu senso crítico e participando do seu meio social. O papel do professor vai muito além de passar o conteúdo, ele funciona como uma ponte entre aluno e conhecimento, mediando as vivências, inserindo a criança dentro de um contexto e uma sociedade para que ela seja cidadã atuante de seu meio social (BULGRAEN, 2010).

Freire (1996), entende que a formação do pedagogo deve estar em constante construção e lapidação. Recusa a ideia de que o professor é possuidor de todos os saberes e despeja seus conhecimentos sobre o receptáculo, que é o aluno que nada sabe. Quando o professor toma essa atitude, dessa maneira estabelece uma hierarquia, tão verticalizada, que o aluno, a seu professor não consegue alcançar. Ele entende que, na verdade, o professor e o aluno estão em uma “via de mão dupla”, em que um contribui com o outro, um ensina e aprende com o outro, numa relação recíproca. Em suas palavras, ele diz: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e

seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (FREIRE, 1996, p.13). Podendo compreender que o ato de ensinar está envolto pelo ato de aprender. Continua ele: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE,1996, p.13).

O professor quando ensina a “pensar” por conta própria, favorece o questionamento e problematização, ao invés de depositar nela informações que ela só vai memorizar e repetir. Esse processo mostra o educador com uma responsabilidade de atuar não só entre as paredes da escola, mas no meio social, oferecendo a chance de as crianças serem protagonistas de sua história, de seu contexto e da sua comunidade (BULGRAEN, 2010).

Claro que não é uma tarefa fácil, por isso ainda se está em luta para garantir uma sociedade crítica, ativa e pensante. Como primeiro passo para ajudar a construir cidadãos mais participantes e engajados, o professor, além de necessitar de uma boa formação, ele aceita a responsabilidade e compreende o processo de aprender a como ensinar. E nesse processo de ensinar, vai se aprendendo com os alunos, e vai sendo desenvolvido e trabalhado em conjunto o processo para educar. E para isso, é necessário renovar e reinventar a forma como se ensina, para melhor atender os seus alunos (BULGRAEN, 2010).

3. A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO E DA AFETIVIDADE PARA OS JOVENS E ADULTOS NA ALFABETIZAÇÃO

Todo conhecimento começa com o sonho. O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra. Como Mestre só posso então lhe dizer uma coisa: “Conte-me os seus sonhos, para que sonhemos juntos! (ALVES, 2012, p. 76).

O ato de se ensinar está muito além das paredes das salas de aula, claro que esse lugar físico tem um privilégio de estruturação do trabalho educativo, mas se pensarmos bem, veremos que a ação de ensinar transcende os muros escolares. O ensinar pode e deve ser feito em todo e qualquer lugar.

O movimento de ensinar não fica apenas no âmbito de passar um conteúdo regular programado. Conforme a criança vai crescendo e tomando como impacto as vivências que a vida traz, ela vai significando as experiências. Quando o texto de Rubem Alves diz que “o conhecimento começa com o sonho”, mostra-nos os sentidos e significados que devem ser mediados pelo professor, apreendendo e direcionando “seus sonhos”, para que sonhem juntos. Esses sentidos não são ensinados, mas são mediados, para que transformações aconteçam e essas crianças, ou mesmo alunos, se sintam preparados para enfrentar os obstáculos, e assim aprendam.

Paulo Freire (1996), também compartilha dessa ideia, falando que a relação aluno e professor é uma via de mão dupla, em que um contribui para o crescimento e (trans)formação do outro.

A escola regular assim como o EJA tem funções e princípios muito parecidos, o que o diferencia são suas características e funcionamento. A escola em si, a partir de reflexões de Vygotsky (1991) e Rego (1995), não pode se ausentar na formação do adulto, sendo de extrema importância, para que a ele consiga desenvolver os conceitos sistematizados, científicos. É a partir do pensamento conceitual que ele aprende os conceitos acumulados historicamente, ajudando o adulto a desenvolver maneiras mais sofisticadas

de analisar, abstrair e generalizar, ou seja, desenvolvendo e sofisticando suas funções psicológicas superiores.

Aprender a interpretar textos e a calcular contas complexas não ajuda apenas a passar de ano, e sim, ajuda a ele construir novas formas de pensar, sentir e agir sobre o mundo, auxiliam na abstração, generalização e sobre os significados de sua cultura. Um adulto que não tem acesso a esse ensino sistematizado, não tem instrumentos e condições para agir sobre uma sociedade tão complexa, como a qual nos encontramos. Porém, não é apenas a presença de seu espaço educativo que vai garantir com que o aluno internalize, que ele aprenda. Um mediador que acredite em suas potencialidades, que saiba utilizar de seus aprendizados acumulados anteriores, de suas necessidades, para favorecer a zona desenvolvimento proximal, é imprescindível. E aqui acrescentamos um olhar sobre isso para Wallon, que essa mediação seja envolta por afetividade positiva e vínculos que lacem uma união entre aluno e o desejo de aprender.

3.1 CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY

Escolheu-se a perspectiva de Vygotsky e sua concepção histórico-cultural ou sócio-interacionista, como alguns a chamam, por ser a que melhor explica questões pertinentes a esse trabalho, que servirá de base para compreendermos mais a fundo como se dá a relação entre desenvolvimento e aprendizagem e a importância do meio sócio cultural do adulto.

A teoria de Vygotsky costuma ser nomeada como sócio-interacionista por trazer a importância e a influência que as interações sociais têm na constituição do ser humano (REGO, 1995). Pois, “a alteração provocada pelo homem sobre a natureza, altera a própria natureza do homem” (VYGOTSKY, 1991).

O objetivo principal de Vygotsky era compreender as características exclusivamente humanas do comportamento, entendendo como essas características se constituíram ao longo da história humana e da história individual do desenvolvimento de um indivíduo (VYGOTSKY, 1991).

Vygotsky nomeou-as de funções psicológicas superiores. Funções que nenhum outro animal consegue ter como memória voluntária, imaginação, capacidade de planejar ações, sendo exclusivas do ser humano. São processos mentais “superiores” e de cunho mais sofisticado, porque são voluntários, intencionais, conscientes e controlados pelo indivíduo. Eles se formam através das relações sociais e seu desenvolvimento se dá por processo de internalização da cultura em que o indivíduo está inserido, tendo causa sociocultural (REGO,1995).

Entretanto o ser humano apresenta outro tipo de processo mental, diferente do anterior: processos psicológicos elementares, que nascemos com eles, como reações automáticas e ações reflexas. Esses processos são de origem biológica (REGO,1995).

Uma das principais ideias de Vygotsky diz respeito à mediação, que se apresenta em toda a atividade humana, fazendo-se relevante para a relação do indivíduo com o mundo e com outras pessoas, possibilitando o desenvolvimento das psicológicas superiores (REGO,1995).

Vygotsky entendia que as interações do homem não eram feitas de forma direta, essas relações tinham como auxílio ferramentas próprias da espécie humana, os instrumentos e signos, fornecidos pela cultura. O instrumento auxilia provocar mudanças nos objetos externos, facilitando a intervenção na natureza (como o uso de uma faca para cortar algo), os homens criam, produzem, manipulam, preservam, aperfeiçoam e seus instrumentos, além de transmitir conhecimentos sobre eles para outras gerações. Já os signos são como instrumentos, só que de ordem interna, psicológicos, ajudam nas representações mentais e a lembrar, comparar, escolher coisas. Com o auxílio dos signos, o indivíduo pode voluntariamente controlar sua atividade mental e ampliar suas potencialidades. Um dos mais importantes é a linguagem (REGO,1995).

Os instrumentos e signos são elementos mediadores que possibilitam a comunicação e interação do sujeito com o ambiente e com as pessoas, facilitam o estabelecimento de significados e conceitos compartilhados por aquela cultura, além da percepção e interpretação da realidade. Essas ferramentas se dão graças à inserção e apropriação da cultura (REGO,1995).

A cultura, por sua vez, está em constante transformação, não é algo estático e imóvel, ao contrário, por seus membros estarem em constante movimentação, recriação e reinterpretação, esta também se movimenta, e se torna uma “mão de via dupla”, em que a cultura afeta o homem e o homem afeta a cultura (REGO,1995).

O homem tem papel ativo sobre a cultura e sobre seu próprio desenvolvimento, não sendo um recipiente vazio que as pressões do ambiente vão despejando informações, reagindo de forma passiva, ao contrário, ao mesmo tempo em que internaliza e aprende as formas culturais, ele modifica e transforma seu ambiente, sendo uma relação dialética (REGO,1995).

Os estudos de Vygotsky foram tomando forma a partir de críticas aos paradigmas que existiam na época. Um deles afirmava que o desenvolvimento dependia apenas da maturação do organismo, sendo que as funções intelectuais estavam todas já formadas na criança, mas estavam esperando a hora certa para aparecerem (VYGOTSKY,1991).

Contrapondo-se a essa ideia, a teoria de Vygotsky discorre sobre como aquilo que é inato ao ser humano não tem forças para produzir a complexidade humana, sendo as características tipicamente humanas e singulares de cada indivíduo (como a maneira de pensar, agir, sentir e seus valores, conhecimentos e percepção do mundo) não conseguem ter aparato apenas biológico. Ele ressalta como o papel da interação social é importante para o desenvolvimento humano, e como ele é constituído socialmente (REGO,1995). Nesta parte será explicado o desenvolvimento infantil.

Logo que nasce, o bebê depende de seu meio social, ou seja, de pessoas mais experientes para sobreviver. Aquele pequeno e indefeso ser precisa que suas necessidades sejam atendidas, como a alimentação, o abrigo, a higiene, a locomoção, o carinho, o afeto, a atenção, e por último, mas não menos importante, a aprendizagem, fundamental para seu desenvolvimento. Todas essas necessidades dependem da interação que o bebê tem desde seu nascimento com o grupo social responsável por seus cuidados (REGO,1995).

Quando um bebê nasce, seu processo mental é basicamente elementar, ou seja, inato por sua herança biológica, mas essa influência dos processos

biológicos é mais aparente apenas no início da vida, aos poucos a criança vai se desenvolvendo, tomando destaque os aspectos internalizados socialmente, desenvolvendo suas funções psicológicas superiores (REGO,1995).

Quando o bebê nasce, os adultos oferecem além de segurança e atenção às suas necessidades básicas, garantindo mais que a sobrevivência desse bebê. O adulto tem o papel de mediar a relação dessa criança com o mundo, integrando-a à cultura, para que ela absorva os significados e comportamentos atribuídos socialmente. É com a ajuda de adultos que as crianças vão desenvolvendo aquelas habilidades que foram construídas pela história social de nossa sociedade, aprendendo a sentar, andar, a falar, a vestir. E com isso vão desenvolvendo pouco a pouco as funções psicológicas mais complexas, fazendo com que por traz de cada conquista individual, tenha um processo compartilhado (REGO,1995).

Quando os modos de funcionamento psíquicos e culturais são internalizados, esses modos passam a acontecer de maneira independente. Ou seja, o que antes a atividade precisou ser mediada por um adulto, agora são atividades que a criança consegue fazer voluntariamente e independentemente de um adulto (REGO,1995).

A linguagem é um marco para o desenvolvimento e é fundamental para tal, quando a criança começa a se utilizar da fala e de outros signos para integrar a ação, ocorre uma organização de processos mentais. Primeiro, a criança utiliza da fala para se comunicar com os outros, tendo uma fala social, assim ela consegue controlar seu ambiente e resolver os problemas pedindo ajuda a um adulto mais experiente. Depois, ocorre a fala egocêntrica, uma transição da fala exterior a interior, ajuda a criança a interiorizar, e assim, ao invés de pedir ajuda para outras pessoas, apela para si mesma. Aos poucos, ela vai interiorizando a fala, sendo capaz de se auto guiar, conseguindo controlar seu próprio comportamento, planejando e refletindo (REGO,1995).

Aos poucos a criança consegue perceber o mundo pela fala, e não somente pelos olhos, mudando sua percepção, sintetizando, criando conceitos. Não vê mais o mundo simplesmente por sua forma e cor, mas também com sentido e significado: “Não vemos simplesmente algo redondo e preto com dois ponteiros, vemos um relógio e podemos distinguir um ponteiro do outro”

(VYGOTSKY, 1991, p.25). O domínio da fala ajuda a criança a melhor se relacionar com o seu meio, e a organizar sua maneira de agir e pensar sobre o mundo (REGO,1995).

3.2 ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

O ponto inicial para apresentar esse conceito de Vygotsky é quando o autor fala que a aprendizagem das crianças começa muito antes delas irem para a escola. Quando as crianças começam a fazer perguntas e aprendem nomes de objetos de seu cotidiano, como “mamãe”, “papai”, “casa”, elas já estão aprendendo. Como o autor diz: “Aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.” (VYGOTSKY, 1991, p.57).

Quando elas começam a frequentar a escola, elas vêm com uma bagagem de aprendizado. Na escola podem até aprender a fazer contas e a ler, mas antes já tiveram contato com números e letras, quando seus pais escrevem ou quando passeiam e veem letreiros com esses símbolos. No ensino fundamental podem até aprender aritmética e a propriedades da linguística, mas antes aprenderam a operações de divisão, subtração, aprenderam as letras e as sílabas (VYGOTSKY,1991).

Para compreender as dimensões do aprendizado, o autor desenvolveu uma nova perspectiva. Já se afirmava que o aprendizado devia ser combinado com o nível de desenvolvimento infantil, para cada fase de idade da criança, se esperava que ela aprendesse algo. Como no caso de aprender a ler e escrever é esperado que se inicie em uma faixa etária específica (VYGOTSKY,1991).

Mas Vygotsky achou que não poderia se limitar a isso. Tentando compreender a relação entre desenvolvimento e a capacidade de aprendizagem, e levando em conta a carga de aprendizado que a criança tem, delimitou dois níveis de desenvolvimento: nível de desenvolvimento real e nível de desenvolvimento potencial (VYGOTSKY,1991).

O nível de desenvolvimento real diz respeito aos “ciclos de desenvolvimento já completados”, ou seja, aquilo que a criança já internalizou e consegue fazer independente, aprendizados que a criança já domina e

consegue realizar sem a ajuda, mediação, de outra pessoa. Certas funções que já amadureceram (VYGOTSKY,1991).

O nível de desenvolvimento potencial é o conhecimento a ser alcançado, aquilo que ainda a criança não sabe, mas tem capacidade e potencial para aprender, que com ajuda de pessoas mais experientes, ela conseguirá alcançar no futuro (VYGOTSKY,1991).

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. Sendo determinado por aquelas funções que estão em processo de amadurecimento, que vão desabrochar, mas que já estão em posição “embrionária” (VYGOTSKY,1991).

Essa zona é como se fosse uma área, um caminho que o aprendiz toma com o objetivo do desenvolvimento de certas funções, sabendo o ponto de partida, fica mais fácil de saber em que lugar aquela aprendizagem vai atingir e chegar. Traçando esse caminho, fica mais fácil de compreender o curso interno do desenvolvimento, sabendo qual a orientação que se deve tomar. Compreendendo não somente os ciclos de desenvolvimento já formados, mas também os que estão em formação (VYGOTSKY,1991).

O caminho a se seguir é: o ponto de partida é o conhecimento real que a criança tem e consegue fazer sozinha, e o ponto de chegada é o conhecimento potencial, que é o conhecimento a ser alcançado, com isso, definido o ponto de partida pode-se definir o ponto de chegada, mas e o caminho a ser traçado? O caminho é a distância entre um e do outro, sendo esse o lugar em que acontece a aprendizagem com interação e ajuda de alguma pessoa mais experiente. Por exemplo, para a criança aprender a ler, o professor tem que levar em consideração seus conhecimentos prévios, essa criança já sabe o alfabeto (seu conhecimento real), então ela tem o potencial de juntar sílabas (o conhecimento a ser adquirido, potencial) (VYGOTSKY,1991).

Mas como ela caminha de um aprendiz que ela já sabe para algo que ela ainda não sabe, mas tem potencial para aprender? Por meio da mediação e interação com a pessoa que ensina (VYGOTSKY,1991).

O aprendizado é um ciclo que se renova, a cada vez que o indivíduo alcança o potencial, esse transforma um conhecimento adquirido e assim se dá um novo processo para atingir um novo aprendizado. Como o autor escreveu:

Aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã (VYGOTSKY, 1991, p. 58).

Vygotsky (1991) diz que o “bom aprendizado” é aquele que desencadeia o desenvolvimento. Ou seja, o saber adquirido pela zona, estimula processos internos de desenvolvimento. Quando a criança interage com seu ambiente e com as pessoas de sua cultura, elas, por sua vez, ajudam na internalização de novos conceitos e aprendizagens.

Figura 1 – Aprendizado Segundo Vygotsky.



Fonte: Elaborada pela autora com base em Vygotsky (1991).

Vygotsky (1991) diz que o “bom aprendizado” é aquele que desencadeia o desenvolvimento. Ou seja, o saber adquirido pela zona proximal, estimula processos internos de desenvolvimento. Quando a criança interage com seu ambiente e com as pessoas de sua cultura, elas, por sua vez, ajudam na internalização de novos conceitos e aprendizagens.

O autor diz que aprendizado e desenvolvimento não são a mesma coisa, e não andam paralelamente, nem em igual medida, mas tem relações estreitas. Na verdade, o aprendizado adequado desperta o desenvolvimento mental, esse que caminha mais lentamente. O autor conclui que o aprendizado é necessário para todo e qualquer ser humano (VYGOTSKY,1991).

3.3FORMAÇÃO DE CONCEITOS

Na concepção de Vygotsky, os “conceitos” são a classificação, organização e generalização de representações culturais, que são internalizadas pelo sujeito durante seu desenvolvimento. São significados atribuídos à realidade, categorizados e ensinados pelo grupo social a qual o indivíduo pertence (REGO,1995).

Como foi dito a criança tem interações com seu meio social e cultural desde seu nascimento, fazendo com que ela tenha aprendizados desde muito nova. A criança vivencia, experimenta, observa, pergunta, e por meio disso, ela recebe inúmeras informações de sua cultura, seus valores, concepções e suas ideias, fazendo com que tenha acesso aos conhecimentos mesmo antes de entrar na escola (REGO,1995).

Vygotsky faz, de acordo com Rego (1995), uma diferenciação entre os conhecimentos adquiridos. Os conceitos que são obtidos pelo cotidiano, pela observação, experiência e curiosidade da criança são chamados conceitos espontâneos, e aqueles conceitos adquiridos pelo ensino sistematizado, por exemplo, a escola, são nomeados de conceitos científicos. Por exemplo, a criança por suas vivências sabe o que é “gato”, mas é na escola que essa palavra ganha novos significados sistematizados em diferentes níveis de generalização: gato, mamífero, animal, felinos etc.

E é através dos conhecimentos prévios, que já foram internalizados pela criança que ela consegue descobrir o desconhecido, procurando significados por meio de aproximação de conceitos já conhecidos. Através do que ela já internalizou sobre “gatos”, ela consegue entender melhor a classificação “animal” (REGO,1995).

O uso de conceitos ajuda na construção de funções psicológicas superiores, constituindo a complexidade da atividade mental, fazendo com que a escola tenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, tendo como objetivo criar um ambiente estimulador, desafiante, que exija da atividade mental da criança e do adolescente para conquistar ciclos de aprendizagem cada vez mais complexos e elevados níveis de raciocínio (REGO,1995).

3.4CONTRIBUIÇÕES DE HENRI WALLON

Para começo da reflexão, incorpora-se nessa pesquisa alguns conceitos chave para a teoria de Wallon, este que diz que o homem é "geneticamente social", sendo que seu aparato orgânico necessita de uma intervenção cultural para se desenvolver, ou seja, depende dos outros seres sociais (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019).

A integração organismo-meio, da perspectiva psicogenética de Wallon, compreende que o desenvolvimento do humano se dá pela relação do potencial orgânico e a variedade de condições ambientais na qual o sujeito está inserido (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Wallon entende que o ser humano é determinado fisiológica e socialmente, sujeito de suas disposições internas (do organismo) e externas (do ambiente em que está inserido). Para isso toda função psíquica necessita de um equipamento orgânico, como por exemplo: o pensamento, que por mais que sua fonte seja externa, de causa ambiental, este, necessita de um aparato fisiológico para que aconteça. As fronteiras entre orgânico e social são tênues, mas têm uma complexa relação recíproca, em que uma depende da outra, em uma via de mão dupla (GALVÃO, 1995).

O estudo do adulto depende de seu meio, no qual ele está inserida e se desenvolve, Wallon propondo um estudo contextualizado, diz que:

O meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e as suas aptidões sensório-motoras e, depois, psicomotoras... Não é menos verdadeiro que a sociedade coloca o homem em presença de novos meios, novas necessidades e novos recursos que aumentam possibilidade de evolução e diferenciação individual. A constituição biológica da criança, ao nascer, não será a única lei de seu destino posterior. Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas

circunstâncias de sua existência, da qual não se exclui sua possibilidade de escolha pessoal... Os meios em que vive a criança e aqueles com que ela sonha constituem a “forma” que amolda sua pessoa. Não se trata de uma marca aceita passivamente (WALLON, 1975 APUD MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

O biológico, de início, é o mais aparente no funcionamento e desenvolvimento, porém, aos poucos, vai dando lugar para a determinação social. O biológico, presente desde o começo das habilidades motoras básicas, como o apreender, puxar e andar, vai cedendo espaço para a influência do meio, que se torna mais decisiva na aquisição de funções psicológicas superiores, como a inteligência simbólica. O amadurecimento do sistema nervoso não é suficiente e não consegue garantir o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Para que o ser humano se desenvolva, ele precisa se alimentar de sua cultura, da linguagem e conhecimento desta (GALVÃO, 1995).

Em busca da compreensão do psiquismo humano, Wallon achou na investigação da criança os aspectos das origens dos processos psíquicos. Levando-o a acreditar no entendimento da criança como ser global, enxergando seu desenvolvimento que é envolto por domínios afetivo, motor e cognitivo, campos que se interdependem em um vínculo recíproco (GALVÃO, 1995).

Propondo uma psicogênese da pessoa completa, Wallon recusa enxergar o ser humano como ser fragmentado, não podendo selecionar um único ângulo e isolá-lo do todo. Ele tem como objetivo o estudo integrado, englobando os vários campos funcionais: afetividade, motricidade e inteligência, essenciais para o desenvolvimento (GALVÃO, 1995).

Por isso, o teórico em questão discute que:

É contrário à natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela é um todo indissociável e original. Na sucessão de suas idades, é um só e mesmo ser sujeito a metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, sua unidade e por isso mesmo mais suscetível a ampliações e novidades (WALLON, 2010, p. 198).

Wallon é contra fragmentar a criança e a visão de que ela está a “vir a ser”, “um menor”, a quem falta algo característico do adulto, ainda incompleto. Ele compreende a criança como um todo, que perpassa a infância e deve ser

entendido nessa fase evolutiva em que está sendo sujeito de direitos e deveres (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010).

Wallon entende a pessoa como resultante da integração do conjunto afetivo, motor e cognitivo, sendo também o ser humano o responsável por garantir essa integração. Mesmo que cada um desses conjuntos tenha uma identidade e uma função diferente, estão estreitamente ligadas em um laço em que cada uma depende e é parte constitutiva da outra. Toda e qualquer atividade humana afeta a todos eles. Toda atividade motora ecoa sobre a questão afetiva e cognitiva; toda atividade afetiva repercute na motricidade e cognição; todo ato mental, da cognição, reflete sobre o afeto e o ato motor. Suas separações, como no caso desse trabalho, serão feitas apenas para maior entendimento didático (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010).

A dimensão do ato motor possibilita o deslocamento do corpo no tempo e no espaço, afirma a postura e equilíbrio corporal, além de ser um apoio tônico para a expressividade de emoções. Já a cognição, são funções que garantem a aquisição, manutenção e organização do conhecimento, por meio de imagens, ideias, abstrações, representações e linguagem. Conseguindo registrar memórias e rever o passado, fixar e analisar o presente, projetar e planejar o futuro (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

3.50 AFETO QUE EDUCA

Entendendo a base da concepção de Wallon, podemos caminhar sobre a dimensão afetiva, esta que desempenha lugar central em sua teoria, sendo primordial tanto na constituição da pessoa quanto na construção de conhecimento (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019).

A afetividade é considerada para Wallon a habilidade e disposição que o homem tem de ser afetado pelo mundo interno e externo por sensações de prazer e desprazer, satisfação ou insatisfação. E por essas sensações responder ao que a situação desencadeia, com o seu interno/externo (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Wallon, ainda tem como contribuição as ideias de que emoção, sentimento e paixão são manifestações da afetividade, esta que abrange a

todas e tem um sentido mais amplo. A afetividade é estabelecida como um domínio funcional que tem manifestações que vão se tornando cada vez mais complexas ao longo do desenvolvimento, tendo origens de base orgânica até irem se envolvendo em relações com seu meio e o conhecimento. O meio social vai transformando a afetividade orgânica, moldando-a para um status social (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010).

Nas emoções há domínio do fisiológico e expressão pelas alterações do organismo; nos sentimentos há predomínio representacional, podendo ser expressos pela mímica ou linguagem, observação; reflexão e planejamento do agir são características que podem ser traduzidas intelectualmente; na paixão há preponderância do autocontrole, para tentar dominar e/ou silenciar a emoção. Todos eles são causados por fatores orgânicos e sociais, mas se diferem em suas configurações (MAHONEY; ALMEIDA, 2005). Aqui, falaremos um pouco mais sobre a emoção, por ser o tema mais abordado e explicado de Wallon.

A emoção é considerada para Wallon, um instrumento para a sobrevivência humana, se não fosse por ela e por seu poder contagiante, de mobilizar o outro, para que atendam suas necessidades, o bebê indefeso não sobreviveria. Como no exemplo, o bebê, que desamparado por maturação biológica, se vê dependente absoluto de outro ser, ao chorar contagia o ambiente, consegue que suas necessidades sejam atendidas, que o vínculo se desenvolva. A emoção expressa pelo choro é social a partir do momento que estabelece o primeiro e mais forte vínculo entre os seres (TAILLE; OLIVEIRA; DANTAS, 2019).

As emoções estão sempre ligadas às alterações do organismo, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, perceptíveis para o próprio sujeito. As emoções também alteram na expressão facial e postural, e é por essa expressividade que podem ter um caráter contagioso, com o poder provocar e despertar reações em seu meio. No bebê, a dimensão afetiva é vivida como sensações corporais e expressos pelas emoções. Com o tempo, adquirindo a linguagem, o campo afetivo diversifica e amplia, e vai se tornando independentes dos fatores corporais (GALVÃO, 1995).

O ato motor garante a expressividade da afetividade, por meio de expressões, posturas, agitação do corpo. De acordo com seu desenvolvimento, conforme vão se internalizando o ato motor, ele vai cedendo lugar para a função simbólica, que vai representando por meio ideias, pensamentos e linguagem. O movimento infantil tem uma função primordial para o desenvolvimento da criança e o educador deve ficar atento a suas manifestações para entender e direcionar o processo de ensino, já que a expressividade corpórea dá sinais de sua afetividade e cognição. Levando em consideração a característica “contagiosa” da emoção, o educador pode e deve estar mais atento ao clima do grupo, das relações entre a turma, e a própria manifestação afetiva, que poderão refletir nos alunos (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010).

Influenciada pelas relações sociais, cada vez mais a afetividade vai ficando mais complexa e se desenvolvendo, mostrando a importância das relações humanas para o desenvolver da pessoa. São essas relações que moldam a sociedade, seus valores, significados, conhecimentos e práticas, e por meio delas, que por serem trocas, constituem na aprendizagem. Nessas trocas consiste em afetividade (CAVALCANTE, 2018).

O educador é primordial no processo de desenvolvimento e formação do adulto, sempre agregando conhecimento e experiências, estabelecendo uma relação afetiva com seu aluno, que se for positiva pode favorecer o aprendizado. Ele deixe de ter um papel de apenas repassar conteúdos e o aluno apenas receptáculo, o professor, vendo-o como a afetividade é importante, entende que tem que ter uma relação de parceria, que implica em novos saberes e atitudes mais favoráveis para o aprender (CAVALCANTE, 2018).

É notável a relevância da afetividade no processo ensino-aprendizagem, lembrando que essa dimensão se inicia no núcleo família e vai criando uma extensão para o campo educacional. A afetividade está sempre evidente no desenvolvimento da criança, desde o seu nascimento, por isso, a necessidade de uma educação que entenda o afeto como forma de ensinar, enxergando o aluno como um ser humano que precisa de atenção e auxílio para vencer suas dificuldades, entendendo que o professor e o sistema de ensino afetam positiva

ou negativamente o aluno dependendo de sua atuação e essa causa um impacto na aprendizagem (CAVALCANTE, 2018).

O adulto quando atingido positivamente pela afetividade, consegue se sentir mais seguro sobre o que está sendo internalizado. Criando laços afetivos, simpatia, respeito e reciprocidade. O aluno não deve ser tratado como número da lista de presença e sim como pessoa que tem sentimentos, intelecto e se realiza socialmente, fazendo com que o professor, a partir da teoria de Wallon, trabalhe a afetividade, a socialização, a educação emocional e os aspectos psicomotores, de uma forma lúdica, criando condições para a autonomia e interesse da criança. Ouvir, dar atenção, acolhimento para tentar adequar as necessidades singulares de cada criança também são maneiras de trabalhar a afetividade. A escola é, além de lugar de ensino, um lugar de socialização, e o hospital também deveria ser (CAVALCANTE, 2018).

A relação entre afeto e aprendizagem são estreitas, elas estão ligadas em um laço de união, uma progredindo com a outra. Já que não estão prontas, e nem são imutáveis, estão sempre em construção. O afeto é combustível para a aquisição de conhecimentos, este que propulsiona o desenvolvimento. Concluindo, a afetividade está presente a todo tempo, rodeando-nos a todo espaço e a existente a cada relação (CAVALCANTE, 2018).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vínculos afetivos são impactos e contribuições que chamam a atenção quando estabelecidos de forma positiva podem mudar o rumo dessas novas significações. Os profissionais devem visar estabelecer vínculos entre as interações de adulto-professor. Esse contato dividido com o mundo interno e externo faz com que o adulto não perca as conexões que tem com o mundo afora, mesmo que por indiretamente.

Outra contribuição é seu desenvolvimento que não é interrompido, ao contrário, ele é favorecido, porque os profissionais imersos nesses espaços de construção de conhecimento que são as EJAS, conseguem enxergar o adulto como um ser social, integral e completo.

Para que isso aconteça, os espaços devem ser estimuladores do aprender e de uma atmosfera mais agradável e afetiva. Além de ter profissionais dedicados, disponíveis e criativos, que renovem a forma como agem. Que entendem as limitações, mas que ao mesmo tempo, acreditem nas potencialidades de cada adulto levando os vínculos que marcaram profundamente suas memórias.

Entre os dados obtidos e interpretados, se vê como a afetividade envolve a todos, tanto aos adultos quanto os profissionais, que também se veem entrelaçados em uma troca recíproca, que ao afetarem os adultos, são afetados, e vice e versa. Ressignificam também suas vivências profissionais e pessoais, e o ato de cuidar ganha um novo e mais consistente sentido.

Nesta pesquisa não se vê malefícios que esses espaços de aprendizagem podem ter, apenas aspectos benéficos, que podem ser maiores ou menores de acordo com o compromisso do profissional e com o reconhecimento de profissionais e gestores, que precisam ter a consciência de que os adultos são seres biopsicossociais, precisando de um cuidado integral de todas as suas dimensões.

Para encerrar as conclusões acima descritas, vem em forma de um apelo: acatem essas ideias, promovam esses espaços de aprendizagem do adulto, valorizem seus profissionais. É uma proposta diferente, desafiadora, mas para que tenham mudanças precisam de pessoas que abracem essas

ideias, que entendam a necessidade de espaços de aprendizagem que vão além dos muros escolares, para que se faça ecoar as vozes desses pequenos e promissores atores da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, 2010.

CAVALCANTE, Raquel Maria Santos. **Henri Wallon, afeto e aprendizagem: um percurso teórico**. Dissertação (Mestrado Profissional em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2018.

FERREIRA; Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar Rev.**, Curitiba, n. 36, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 11ª Edição. Paz e terra. 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho**, Ensinar-e- aprender com sentido. 2ª Edição. Educação cidadã. 2007.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. **Henri Wallon**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

HISTÓRIA E CIÊNCIA. **EJA: Seus Atores e Historias**. 2013. (29min20seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W5IYLoINZ4M>> . Acesso em: 22 mai. 2020.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psic. da Ed**, São Paulo, n.20, 2005.

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo:Summus, 2019.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo, SP: Editora Ltda, 1991.

WALLON, Henri Paul Hyacinthe. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo, SP: Editora Ltda, 2010.